

Eleições presidenciais

Aliados cobram de Fernando Henrique ação de candidato

Eles querem que o Presidente deixe a postura de chefe de Estado, mostre serviço e parta para o ataque a Lula

Os principais dirigentes da coligação que apóia a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso responsabilizam o próprio Presidente pela queda de intenção de voto nas pesquisas para a eleição presidencial. Duas ações são propostas para reverter a curva nas pesquisas: partir para o ataque imediato a Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e tornar Fernando Henrique mais um candidato à Presidência e menos um chefe de Estado.

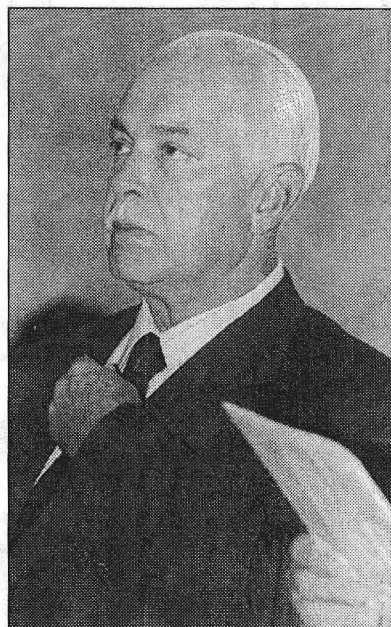
"Tem que haver uma correção de rumos. A comunicação está falha e o Presidente está deixando de capitalizar fatos positivos", advertiu o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), que também faz parte do Conselho Político que irá orientar a campanha do Presidente.

Antonio Carlos dá dois exemplos em que o lado "chefe de Estado" de Fernando Henrique o impediu de faturar politicamente com atitudes de impacto positivo de seu Governo. "O Presidente vetou um artigo de uma medida provisória aprovada pelo Congresso que permitia o aumento de aditamentos em licitações de 25% para 50%. Era a hora do Presidente chamar a imprensa e dizer que fez isto pela moralidade, apesar da posição do Congresso. Em vez disso, ele sancionou a lei com este veto sem dar nenhuma explicação. Foi um erro", afirmou ACM.

Outro exemplo lembrado pelo senador baiano foi a inauguração da ponte rododferroviária entre São Paulo e Mato Grosso do Sul. "Esta foi uma das obras mais caras que já se fez na história do País e Fernando Henrique a inaugurou como se fosse um ato de rotina administrativa qualquer", afirmou.

O secretário-geral do PSDB, deputado Artur Virgílio (AM), também aponta falhas no comportamento do Presidente enquanto candidato. "Faltou um gesto político do Presidente quando o Estado de Roraima sofreu incêndios em função do El Niño. Ele tinha que ir lá, deixando de lado esta postura de professor da USP que acha estas coisas demagógicas", exemplificou, acrescentando: "Ele deveria ir à Roraima nem que fosse para pegar um balde e apagar uma fogueirinha. Isto tem um bom impacto na mídia, mas ele reage frontalmente a sugestões como essas", afirmou.

Para o presidente de honra do PPB, senador Esperidião Amin (SC), "só o Real não é suficiente



ACM: "Comunicação está falha"

para reeleger o Presidente. Ele não pode contar com a fidelidade do eleitor apenas pelo que fez no passado, mas, como candidato, tem obrigação de fazer o eleitor sonhar com coisas novas". Segundo Amin, "houve uma sensação de inércia do Governo com a questão da seca e com o aumento do desemprego".

Além de sugerir ao Presidente ações tipicamente de candidato, os aliados começam a ensaiar um discurso de ataque a Luiz Inácio Lula da Silva, em ascensão nas pesquisas. "Hoje a mídia não dá folga ao Governo, mas com um pequeno esclarecimento a imprensa vai constatar que o resultado destas críticas nas pesquisas não é interessante nem interna, nem externamente", disse Antonio Carlos.

"Imaginar o que seria o Lula no Governo e passar isto para a população é algo inteligente e que deve ser feito", concorda Amin. O deputado Artur Virgílio chega a traçar um cenário sinistro de Lula como presidente: "A CUT e o MST iriam deflagrar uma série de greves e invasões de terra que Lula seria incapaz de reprimir. O seu próprio partido em pouco tempo seria o seu próprio inimigo. No momento em que a governabilidade estivesse em cheque, o vice-presidente Leonel Brizola iria promover um rompimento espetacular com ele. O governo terminaria com Lula reconhecendo que não há como governar sem maioria no Congresso e fechando acordos fisiológicos com deputados sem postura ideológica definida", imaginou o parlamentar amazonense.

01 JUN 1998

JORNAL DE BRASILIA